

## Narrativas fluviais no Rio de Janeiro: como nossos pressupostos sobre rios afetam a historiografia?

Bruno Capilé - pesquisador colaborador do Museu de Astronomia e Ciências Afins

Os pressupostos epistemológicos sobre os rios afetam profundamente a narrativa que buscamos construir em nossos textos históricos. Sejam ideológicos ou ecofisiológicos, sociais ou naturais, explícitos ou implícitos, nosso ponto de partida direciona grande parte da nossa linha de chegada. Se compreendermos os rios como objetos passivos, assumimos uma perspectiva em que eles são meros cenários para o desenrolar da história humana. Se buscarmos um protagonismo mais ativo, sua agência se sobressai e podemos incorporar em nossas análises históricas aspectos como o trabalho dos rios, seu regime hídrico, seu modo de existir e resistir. Esta apresentação levantará algumas abordagens de como podemos perceber os rios na história humana. Além de sinalizar pontos de vista mais ativos ou passivos, este trabalho pretende desenvolver um modo de conceber os rios através de suas relações com as sociedades humanas ao longo da história. Assim, numa visão ecossistêmica (considerando a ecologia como a ciência das relações), os rios coexistem e coevoluem com as atividades humanas e não humanas. As transformações que eles sofrem são parte constituinte da riqueza de concepções humanas como a técnico-científica dos engenheiros e cientistas; a de convivência e resistência das populações ribeirinhas que dele usufruem; a de recurso natural dos dirigentes tomadores de decisões; ou a de desastre, dos afetados pelo desequilíbrio destas relações flúvio-humanas. Para isso, utilizaremos da história da cidade do Rio de Janeiro e suas relações com seus rios transformados para atender a demanda metabólica urbana interna. Uma história comum a muitas metrópoles é a busca de energia e materiais para sustentar seu funcionamento metabólico, transformando assim uma série crescente de ecossistemas adjacentes. Nesse sentido, os rios são os primeiros a serem visados para este fim metabólico, como poderemos ver na cidade do Rio de Janeiro. Num primeiro momento, analisaremos como os rios foram usados localmente sem muitas transformações. A segunda etapa se destaca a busca sistemática de rios mais distantes para assegurar o abastecimento de água. Por fim, na terceira fase, rios a dezenas de quilômetros são represados para atenderem a uma nova demanda energética - a eletricidade. Nestes diferentes cenários, as peculiaridades específicas dos rios para estes fins foram fruto de seu próprio trabalho para depois serem transformados para o uso urbano.